

O amor do pássaro rebelde – Brígida Baltar

Utilizando-se de linguagens e referências híbridas, que conferem ao mesmo tempo uma atmosfera de devaneio e precisão, um dicionário onírico e erudito, Brígida Baltar construiu a instalação *O amor do pássaro rebelde* tendo o palacete e os jardins da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, como *site specific*, e como um dos suportes a ópera *Carmen*, de Bizet, com a qual a cantora lírica Gabriela Bezanconi – cuja vida é ponto de partida e mote da instalação, e que ali viveu e sofreu – se consagrou. Hábil criadora de fábulas e ricas tessituras poéticas, como atestam obras anteriores como *Quando fui carpa e quase virei dragão* e *Maria Farinha Ghost Crab*, Brígida insere a trama de Merimée no verde da floresta, aqui habitada por seres ambíguos e fugidios, apropriando-se das árias e do libreto. Tudo para a artista pode se transformar em palavra ou frase, elemento gramatical de uma lírica única, ao mesmo tempo potente (com sua capacidade de aglutinar em si os elementos mais díspares) e delicada, generosa e exigente (no rigor de sua composição, na demanda feita ao espectador). Ao expor seu trabalho, com o zelo da feitura de imagens e objetos deslumbrantes, sensuais e sedutores, que caracterizam seu trabalho, Brígida recorta, desconstrói e reencena, no espaço das Cavalariças, a ópera em várias escalas e formatos, elaborando uma rica articulação entre a natureza espetacular da ópera e sua fruição intimista. O espectador, ao adentrar a sala, assiste aos grandes gestos operísticos projetados em uma tela suspensa na altura de um palco possível. Depois, ao penetrar o ambiente, transforma-se em ouvinte/leitor, acompanhando o enredo por meio de fones de ouvido individuais, em pequenas telas dispersas pelo espaço, acopladas em minipalcos/pedestais; ou em uma espécie de vidente ou *voyeur*, mantido à distância, obrigado a acertar o olhar à forma criada pela artista. Esse jogo remete à intimidade solitária da poesia, e ao cinema como dispositivo, cinema da arquitetura dos seus primeiros dias, em que em cada máquina de ver cabia um só olhar. O espectador escolhe, portanto, seu próprio trajeto, e recolhe sua própria experiência, ao lembrar (e a memória é parte essencial de *O amor do pássaro rebelde*) em si mesmo, em seu próprio aparato sensível, aquilo que nenhum de nós consegue decifrar: os caminhos do amor e do desejo, o nascimento e morte da paixão.